

## ÍNDICE DE TOLERÂNCIA AO CALOR DE OVINOS PANTANEIROS

Érica Santos Carvalho<sup>1</sup>; Cleomar Berselli<sup>2</sup>; Raquel Soares Juliano<sup>2</sup>, Sandra Aparecida Santos<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Faculdades Integradas de Mineiros. <sup>2</sup>Embrapa Pantanal. <sup>3</sup>Instituição. \*E-mail do autor para correspondência:sandra.santos@embrapa.br.

Os ovinos Pantaneiros como as demais raças localmente adaptadas ao Pantanal são descendentes de animais introduzidos durante o período de colonização da região e apresentam características de adaptação ao ambiente, herdadas após centenas de anos de seleção natural. Porém, na literatura ainda são escassos estudos que demonstrem essas características de adaptação. Uma das características de adaptação essenciais no Pantanal é a tolerância ao calor, haja vista que a região apresenta altas temperaturas, com temperatura máxima absoluta de até 40°C no verão. Portanto, o trabalho foi conduzido com o objetivo de avaliar a tolerância ao calor de ovinos Pantaneiros do núcleo de conservação da fazenda Nhumirim, sub-região da Nhecolândia, Pantanal, MS. Para realizar o trabalho foram selecionados 10 animais machos de pelagem branca e pele rosa com idade variando de 1 a 7 anos. O teste de tolerância ao calor de Baccari foi aplicado aos animais durante 5 dias distribuídos nos meses de setembro e outubro, que corresponde ao final do período seco. No horário mais quente do dia, dentre 10h às 15h, os animais foram colocados durante duas horas na sombra e depois os mesmos animais foram expostos ao sol durante o período de uma hora, tendo os seguintes parâmetros avaliados: temperatura superficial (TS) e temperatura retal, além das medidas morfométricas: peso (P), comprimento corporal (CC), perímetro torácico (PT), altura da garupa (AG) e altura do costado (AC). A temperatura superficial foi avaliada com um termômetro a laser acionado em quatro partes do corpo do animal (lateral esquerda da costela, dorso, tábua do pescoço esquerdo e região axilar no membro torácico direito) a uma distância de dois metros. O índice de tolerância ao calor (ITC) foi estimado através da fórmula:  $ITC = 10 - (TR2 - TR1)$ , onde TR2 consiste da temperatura retal após a exposição ao sol e TR1 a temperatura retal após a exposição à sombra. O valor 10 é uma constante e o ITC varia de 0 a 10, com valores mais próximos de 10 indicando maior tolerância ao calor. Os ovinos apresentaram a temperatura retal (TR1 e TR2) dentro da faixa considerada normal para a espécie, que varia de 39 a 40°C. Os valores de ITC foram altos, com média de 9,7 e valores variando de 9,0 a 10,0, mostrando variação individual e tolerância ao calor. As TS após exposição ao sol na costela, dorso, pescoço e axila foram 40,6, 44,0, 38,1 e 38,6 °C, respectivamente e após exposição à sombra de 28,1, 27,8, 28,8 e 31,0, respectivamente. Os ovinos adultos machos avaliados apresentam porte médio com os seguintes valores médios de morfometria: P de 44,3 kg, CC de 72,7 cm, PT de 84 cm, AG de 69,1 cm e AC de 33 cm. Os resultados deste estudo mostraram que o grupamento genético apresenta altos valores de ITC, indicativo de tolerância ao calor, porém, estudos complementares devem ser realizados para entender o comportamento de dissipação de calor desta espécie para manter a homeostase. A variação individual também indica a possibilidade de seleção de animais mais tolerantes ao calor.

**Palavras-chave:** ovelha Pantaneira, raça localmente adaptada, termorregulação

**Agradecimentos:** À Embrapa e Fundect pelo apoio financeiro.